

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Vicious Circle*

Autor: *Wilbur Smith*

Copyright © Wilbur Smith, 2013

Todos os direitos reservados

Edição original publicada em 2013 por Macmillan, uma chancela de Pan Macmillan Ltd.

Pan Macmillan, 20 New Wharf Road, London N1 9RR

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: *Alberto Gomes*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 376 862/14

1.ª edição, Lisboa, julho, 2014

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Este livro é dedicado à minha mulher,*  
**MOKHINISO,**  
*a maior dádiva da minha vida.*

# 1

Despertou por completo antes de se mexer ou abrir os olhos. Permaneceu imóvel por um segundo, a avaliar a situação em que se encontrava, atento a possíveis perigos enquanto os seus instintos de guerreiro assumiam o controlo. Depois apercebeu-se do delicado perfume dela e ouviu-a respirar tão suave e uniformemente como a ondulação a esmorecer numa praia distante. Estava tudo bem. Sorriu e abriu os olhos. Virou a cabeça sem fazer barulho, para não a acordar.

O sol matinal infiltrara-se através de uma nesga nas cortinas e lançava uma estria de ouro batido ao longo do teto, fazendo também recair uma luz intrigante sobre a cara e o vulto dela. Estava deitada de costas. O rosto exibia uma expressão serena e encantadora. Tinha afastado os lençóis com os pés durante o sono e estava nua. Os tufo de pelos loiros que lhe cobriam o monte de Vénus eram de um tom um pouco mais escuro do que o esplêndido emaranhado de madeixas de cabelo que lhe caíam sobre o rosto. Os seios, nessa fase tão avançada da gravidez, tinham aumentado para quase o dobro do seu tamanho normal. Deixou o olhar deslizar até à barriga. A pele, retesada e acetinada, estava distendida pelo precioso volume que albergava. Enquanto se fixava nela, apercebeu-se de um ligeiro movimento quando o bebé se mexeu dentro do ventre e, por momentos, ficou de respiração suspensa perante a intensidade e a força do amor que sentia por ambos: a sua mulher e a criança por nascer.

— Para de olhar para a minha barriga enorme e gorda e dá-me um beijo, mas é — disse ela sem abrir os olhos. Ele riu-se e inclinou-se sobre ela. Ela envolveu-lhe o pescoço com os braços e, quando os seus lábios se abriram, ele sentiu-lhe o hálito doce. Logo depois, de lábios encostados à boca aberta dele, sussurrou-lhe: — Não consegues controlar este teu monstinho, pois não? — Estendeu a mão para o entrepernas dele. — Por esta altura, ele já devia saber que não há espaço para ele aqui dentro.

— Chama-lhe desmiolado — disse ele. — Mas também nunca foste de grande ajuda para o manter sob controlo. Tira-me essa mão daí, sua fêmea desavergonhada!

— Espera só umas semanas e depois já te mostro o verdadeiro significado da palavra «desavergonhada», Hector Cross — advertiu-o. — E agora, liga para a cozinha e pede café.

Enquanto esperavam que lhes trouxessem o café, Hector saiu da cama e abriu as cortinas, deixando o sol irromper pelo quarto adentro.

— Os cisnes estão na lagoa da Represa — disse ele.

Ela soergueu-se com esforço na cama, usando ambas as mãos para amparar a barriga. Hector voltou de imediato para junto dela e ajudou-a a levantar-se. Ela agarrou no roupão de cetim azul pou-sado na cadeira e vestiu-o enquanto voltavam para junto da janela panorâmica.

— Sinto-me tão desajeitada! — queixou-se ela ao mesmo tempo que atava o cinto. Hector manteve-se atrás dela e envolveu-lhe delicadamente a barriga com as mãos.

— Alguém está a dar pontapés outra vez — sussurrou-lhe ele ao ouvido, prendendo-lhe o lóbulo da orelha entre os dentes e mordendo-lho com suavidade.

— Como se eu não soubesse. Sinto-me inchada como uma maldita bola de futebol. — Estendeu a mão por cima do ombro e bateu-lhe na cara ao de leve. — Não faças isso. Já sabes que fico toda arrepiada quando fazes isso.

Observaram em silêncio os cisnes na lagoa. O macho e a fêmea eram de um branco deslumbrante sob o sol matinal, mas as três crias eram de um cinzento sujo. O macho enfiou o pescoço com-

prido e sinuoso na água esverdeada para se alimentar das plantas aquáticas no leito da lagoa.

— São lindos, não são? — perguntou ele por fim.

— São uma das muitas razões por que adoro a Inglaterra — murmurou Hazel. — Que cenário perfeito. Devíamos contratar um bom artista para o pintar.

O rio derramava-se na lagoa por cima de uma pedra e a água era límpida. Daquela altura de três metros, podiam ver as sombras da enorme truta pousada na gravilha do leito. Salgueiros perfilavam-se nas margens e roçavam a superfície da lagoa com as suas ramagens curvadas. O prado mais além era de um verde luxuriante e as ovelhas que aí pastavam eram tão brancas como os cisnes.

— É o lugar ideal para criarmos a nossa menina. Sabes bem que foi por essa razão que comprei esta propriedade. — Hazel soltou um suspiro de contentamento.

— Sim, eu sei. Já mo disseste vezes sem conta. Só não sei como é que podes ter tanta certeza de que é uma menina. — Acariciou-lhe a barriga. — Não queres saber ao certo se é menino ou menina, em vez de te pores a adivinhar?

— Não estou a adivinhar. Simplesmente sei-o — replicou ela com uma satisfação complacente, cobrindo com as suas mãos brancas e esguias as enormes mãos bronzeadas dele.

— Podíamos perguntar ao Alan esta manhã, quando formos a Londres — sugeriu ele. Alan Donovan era o ginecologista dela.

— Para de me chatear com esse assunto. E não te atrevas a perguntar ao Alan e estragar-me a surpresa. Vá, veste o roupão, senão ainda assustas a coitada da Mary quando ela trazer o café — disse ela com carinho.

Segundos depois, alguém bateu discretamente à porta. — Entre! — disse Hector, e a criada de quarto entrou com o tabuleiro de chá.

— Bom dia a todos! Como está a senhora e o bebé, senhora Cross? — disse ela no seu jovial sotaque irlandês, colocando o tabuleiro em cima da mesa.

— Está tudo bem, Mary. Mas isso que estou a ver no tabuleiro são biscoitos? — perguntou Hazel.

— Apenas três, pequenos.

— Leva-os embora, por favor.

— Dois para o senhor e apenas um para si. São de aveia simples. Sem açúcar — disse Mary, tentando convencê-la.

— Sê uma querida, Mary. Faz-me a vontade. Leva-os embora, por favor.

— A pobre criaturinha deve estar a morrer à fome — resmoneou Mary, mas pegou no prato com os biscoitos e saiu da divisão.

Hazel sentou-se no sofá e encheu uma caneca de café tão escuro e forte que o aroma permeou o quarto. — Meu Deus! Cheira tão bem! — disse num tom nostálgico enquanto lhe passava a caneca. Depois serviu-se de leite magro na sua própria chávena de porcelana, sem adicionar açúcar. — Ugh! — exclamou com repulsa quando o provou, mas engoliu-o como se fosse um medicamento. — E então, como pensas ocupar o teu tempo enquanto eu estiver com o Alan? Já sabes que irá ocupar-nos pelo menos umas duas horas. Ele é muito meticoloso.

— Tenho de levar as minhas caçadeiras ao Paul Roberts para as guardar e depois tenho de ir ao meu alfaiate tirar as provas do fato.

— Não vais andar por aí às voltas no trânsito matinal de Londres com o meu lindo *Ferrari*, pois não? Ainda lhe fazes uma amolgadela, como fizeste ao *Rolls Royce*.

— Precisas de estar sempre a lembrar-me disso? — Abriu os braços num gesto de indignação fingida. — A parva da mulher não parou no semáforo vermelho e esbarrou-se contra mim.

— Conduzes como um louco, Cross, não negues.

— Está bem, vou apanhar um táxi para tratar dos meus assuntos — prometeu. — Também não quero parecer um jogador de futebol naquela tua máquina feita para snobes. Seja como for, tenho o meu novo *Range Rover* à minha espera. O Stratstone lá do concessionário ligou-me ontem a dizer que já está pronto. Se te portares bem, e todos sabemos que te portas sempre bem, levo-te a almoçar nele.

— Por falar em almoço, aonde vamos? — perguntou ela.

— Nem sei porque me dou ao trabalho. Qualquer restaurante serve folhas de alface, mas reservei a nossa mesa do costume no Alfred's Club.

— Agora já sei que me amas de verdade!

— Podes crer que sim, sua magricela.

— Mente-me, mente-me, que eu gosto! — Ofereceu-lhe um sorriso beatífico.

O *Ferrari* vermelho de Hazel estava estacionado por baixo do pórtico que abrigava a porta. Reluzia como um enorme rubi sob a luz do sol. Robert, o motorista, tinha-o polido com imenso carinho. Era o seu preferido entre os vários automóveis estacionados na garagem subterrânea. Hector estendeu a mão para a ajudar a descer a escadaria frontal e instalar-se depois no banco do condutor. Assim que ela conseguiu enfiar a barriga à frente do volante, Hector debruçou-se afobado sobre ela para lhe ajustar o banco e apertou-lhe o cinto de segurança de forma confortável por cima do volume do ventre.

— De certeza que não queres que seja eu a conduzir? — perguntou ele com solicitude.

— Nem pensar — replicou ela. — E muito menos depois de todas aquelas coisas horríveis que disseste do automóvel. — Deu uma palmadinha no volante. — Entra e vamos embora, mas é.

Era pouco mais de um quilómetro desde a herdade até à autoestrada, mas a estrada da propriedade estava pavimentada. Na curva antes de se chegar à ponte sobre o rio Test, tinha-se uma vista esplêndida da mansão atrás. Hazel parou por alguns momentos. Era rara a vez que resistia à tentação de se regozijar com aquilo a que humildemente se referia como «o edifício georgiano mais encantador que existe».

Brandon Hall tinha sido construída por Sir William Chambers para o conde de Brandon, em 1752. Era o mesmo arquiteto que



edificara Somerset House, em The Strand. Brandon Hall estava vergonhosamente negligenciada e decrépita quando Hazel a adquiriu. Hector esforçava-se por conter um estremecimento quando pensava na quantia de dinheiro que ela gastara na casa para a deixar no seu atual estado de perfeição. No entanto, nunca poderia negar a beleza das suas linhas elegantes e perfeitamente equilibradas. No ano anterior, Hazel surgira em sétimo lugar na lista das mulheres mais ricas do mundo segundo a revista *Forbes*. Por conseguinte, podia permitir-se esses luxos.

*Ainda assim, que mulher no seu perfeito juízo precisa de dezasseis quartos, por amor de Deus? Mas pro diabo com os custos, pescar no rio é uma autêntica maravilha. Vale cada dólar gasto,* consolou-se. — Vá lá, querida — disse em voz alta. — Podes admirá-la no caminho de regresso, senão ainda chegas tarde para a consulta com o Alan.

— Adoro desafios — disse ela numa voz doce, arrancando e deixando marcas negras de borracha na superfície do asfalto atrás deles, bem como uma nuvem de fumo azul-pálido a pairar no ar.

Com uma manobra de grande desenvoltura, Hazel entrou em marcha atrás no lugar do parque de estacionamento subterrâneo por baixo do edifício em Harley Street, de onde Alan Donovan tinha retirado o seu próprio automóvel para que ela pudesse estacionar, e depois verificou as horas no relógio de pulso.

— Uma hora e quarenta e oito minutos! Creio que é o meu melhor tempo até à data. Quinze minutos antes da hora da consulta. Gostarias de te retratar da piadinha que disseste, de que chego sempre atrasada, seu convencido?

— Um dia vais acabar por ser apanhada pelo radar de controlo de velocidade de algum carro da polícia escondido e ficas sem a carta de condução, minha querida.

— A minha carta de condução é americana. Estes simpáticos polícias britânicos não podem tocar nela.

Hector acompanhou-a até à sala de espera do consultório de Alan. Assim que ouviu a voz dela, Alan saiu da sala do consultório para a cumprimentar, uma rara demonstração de respeito que em geral reservava apenas à realeza. Parou junto à entrada para a admirar. O vestido de grávida de Hazel, folgado e de algodão macio

das ilhas do mar, tinha sido confeccionado especialmente para ela. Os olhos brilhavam-lhe e a pele reluzia. Alan inclinou-se para lhe tomar a mão e tocou-a ao de leve com os lábios.

— Se todas as minhas pacientes fossem tão saudáveis como tu, ficava sem trabalho — murmurou.

— Quanto tempo vais retê-la aqui, Alan? — Hector deu-lhe um aperto de mão.

— Percebo bem porque estás tão desejoso de a ter de volta.

Semelhante leviandade raramente fazia o estilo de Alan, mas Hector riu-se e insistiu: — Quanto tempo?

— Quero fazer alguns exames e talvez consultar os meus colegas. Dá-me duas horas e meia. Pode ser, Hector? — Deu o braço a Hazel e conduziu-a para o interior do consultório.

Hector observou enquanto a porta se fechava. Ficou ali especado, de olhos fixos na porta. Sentiu-se avassalado pela súbita premonição de uma perda iminente, como nunca sentira antes. Quis ir atrás dela, trazê-la de volta e abraçá-la encostada ao seu coração para sempre. Precisou de alguns segundos para se recompor. *Raios, não sejas idiota! Controla-te, Cross.* Virou-se e saiu para o corredor, em direção aos elevadores.

A rececionista de Alan Donovan observou-o com indiferença enquanto ele se afastava.

Era uma bela rapariga afro-britânica, com olhos enormes e escuros e uma boa figura no seu uniforme branco. Chamava-se Victoria Vusamazulu e tinha 27 anos. Esperou até ouvir o elevador parar ao fundo do corredor e as portas abrirem e fecharem atrás de Hector, e só depois tirou o telemóvel do bolso do casaco. Tinha gravado o número na lista de contactos sob o nome «Ele!». O telemóvel tocou apenas uma vez e de seguida ouviu um clique na linha.

— Olá. És tu, Aleutian? — perguntou ela.

— Já te disse para não mencionares nomes, sua cadela.

Estremecia sempre que ele a tratava daquela maneira. Era tão autoritário. Tão diferente de qualquer outro homem que ela já tinha conhecido. Levou instintivamente a mão ao seio esquerdo. Estava pisado e ainda dorido de ele lho ter mordido na noite anterior. Esfregou-o e o mamilo endureceu. — Desculpa. Já me tinha esquecido. — A sua voz soou enrouquecida.

— Então não te esqueças de apagar depois o registo desta chamada quando terminarmos. E agora, conta-me! Ela já chegou?

— Sim, está cá. Mas o marido já saiu. Disse ao doutor que voltava à uma e meia.

— Ótimo! — disse ele, desligando a chamada.

A rapariga afastou o telemóvel do ouvido e olhou-o. Deu por si a respirar pesadamente. Pensou nele, em como o sentia duro e

grosso quando a penetrava. Olhou para baixo e sentiu o calor que se propagava através das cuecas até às coxas. — Quente como uma cadela imunda no cio — sussurrou. Fora isso que ele lhe chamara na noite anterior. O doutor não iria precisar dela durante um bom bocado, pois estava ocupado com a mulher Cross. Saiu da recepção e seguiu pelo corredor até aos lavabos. Fechou-se num dos cubículos. Depois, subiu as fraldas até à cintura e baixou as cuecas até aos tornozelos. Enfiou a mão. Queria que aquilo durasse, mas assim que tocou no sexo quente não conseguiu conter-se. Foi tão rápido e tão intenso que ficou a ofegar e a tremer.

Hector regressou duas horas mais tarde e instalou-se num cadeirão de couro na sala de espera, virado para a porta da sala do consultório de Alan. Pegou num exemplar do *Financial Times* pousado na mesinha de apoio e folheou-o até encontrar as cotações do índice FTSE da bolsa de valores de Londres. Nem se dignou a levantar a cabeça quando o intercomunicador soou na secretária da rececionista. Ouvia-a falar em voz baixa ao auscultador e depois desligar.

— Senhor Cross — chamou ela. — O doutor Donovan gostaria de lhe dar uma palavrinha. Importa-se de entrar na sala do consultório?

Hector pousou o jornal e levantou-se de um salto. Voltou a sentir uma leve punhalada de ansiedade. Aprendera a confiar nos seus instintos ao longo dos anos. Que notícias terríveis teria Alan para lhe dar? Apressou-se para a porta e bateu. A voz abafada de Alan convidou-o a entrar. As paredes da sala do consultório estavam revestidas com painéis de carvalho e as estantes peçadas de volumes médicos encadernados a couro. Alan estava sentado atrás de uma ampla secretária antiga, com Hazel virada para ele. Hazel levantou-se assim que Hector entrou e foi ao encontro dele, carregando a barriga enorme à sua frente. Sorria radiante e isso bastou para lhe acalmar as premonições de desastre. Abraçou-a.

— Está tudo bem? — perguntou, olhando depois para Alan por cima da reluzente cabeleira loira dela.

— Tudo impecável! Mares calmos e ventos de feição! — tranquilizou-o Alan. — Sentem-se os dois. — Sentaram-se lado a lado e focaram toda a sua atenção nele. Alan tirou os óculos e limpou-os com um pedaço de camurça.

— Muito bem, chuta aí! — encorajou-o Hector.

— O bebê está a desenvolver-se bem, mas a Hazel já não é nenhuma jovem.

— Nenhum de nós é — concordou Hector. — Mas muito obrigado por teres mencionado isso, Alan.

— O bebê está quase pronto para vir ao mundo, mas é possível que a Hazel venha a precisar de uma pequena ajuda.

— Cesariana? — perguntou ela numa voz alarmada.

— Meu Deus, não! — tranquilizou-a Alan. — Nada tão extremo. O que tenho em mente é um parto induzido.

— Explica-me, Alan, por favor — insistiu Hector.

— A Hazel está na quadragésima semana de gestação. Estará pronta e em condições no final da semana que vem. Vocês os dois estão enfiados lá nos bosques da zona mais recôndita de Hampshire. Quanto tempo demoram de lá até aqui a Londres?

— Duas horas e meia, em média — respondeu Hector. — Alguns condutores de pé mais pesado fazem-no em menos de duas horas.

Hazel fez-lhe uma careta.

— Quero que se mudem de imediato para a vossa casa em Belgravia. — Alan tinha sido convidado a jantar lá em mais do que uma ocasião. — Vou reservar uma ala privada para a Hazel na quinta-feira desta semana, na secção da Maternidade do Hospital de Portland, em Great Portland Street. É uma das maternidades mais reputadas do país. Se ela entrar espontaneamente em trabalho de parto antes dessa data, ficarão apenas a quinze minutos de distância do hospital. Se nada acontecer até sexta-feira, darei uma pequena injeção à Hazel e o assunto fica resolvido.

Hector virou-se para ela. — Que te parece, minha querida?

— Parece-me bem. No que me diz respeito, quanto mais cedo, melhor. Está tudo pronto para nós na casa de Londres. Só preciso de ir buscar algumas coisas, como o livro que estou a ler, e podemos mudar-nos já amanhã aqui para a cidade.

— Então, está combinado — disse Alan num tom decidido, levantando-se da cadeira. — Vejo-os aos dois na sexta-feira, o mais tardar.

Quando saíram para a sala de espera, Hazel deteve-se à frente do balcão da recepção e procurou algo dentro da mala de mão. Tirou um frasco de perfume *Chanel* embrulhado em papel de prenda e pousou-o à frente da rececionista.

— Apenas um pequeno agradecimento, Victoria. Você tem sido uma querida.

— Oh, é muito amável, senhora Cross. Mas, na verdade, não era necessário!

Enquanto desciam no elevador, Hazel perguntou-lhe: — Foste buscar o *Range Rover* ao Stratstone?

— Está estacionado do outro lado da rua. Vou-te levar a almoçar e depois trago-te para levares a tua velha lata enferrujada.

Ela socou-o ao de leve no ombro e seguiu à frente enquanto saíam do edifício. Hector deu-lhe o braço ao atravessarem Harley Street e os taxistas que circulavam nos dois sentidos, ao repararem na beleza e na gravidez dela, travaram bruscamente. Um deles debruçou-se sobre a janela com um sorriso. Fez-lhe sinal para atravessar à frente do seu táxi e bradou-lhe: — A melhor das sortes, amor. Aposto que é um rapaz!

Hazel acenou-lhe. — Depois faço-te saber.

Nenhum dos dois reparou na motocicleta parada atrás deles, numa zona de carga cerca de cem metros mais acima na rua. Tanto o motociclista como o passageiro no assento traseiro usavam luvas e capacetes com viseiras de acrílico escurecido que lhes tapavam os rostos. Assim que Hazel e Hector se aproximaram do *Range Rover* estacionado, o motociclista premiu o botão de arranque e o motor da potente máquina japonesa rugiu. O passageiro no assento traseiro apoiou as botas nos estribos, pronto para partir. Hector abriu a porta do lado do passageiro para Hazel entrar e ajudou-a a sentar-se. Depois, contornou rapidamente o veículo, entrou, ligou o motor e enfiou-se no meio do trânsito. O motociclista esperou até haver cinco veículos a separá-los e seguiu-os. Manteve essa distância de forma discreta. Contornaram Marble Arch e avançaram

para Berkeley Square. Quando o *Range Rover* parou à frente do n.º 2 de Davies Street, o motociclista prosseguiu e virou à esquerda no cruzamento seguinte. Deu a volta ao quarteirão e parou num local onde tinha uma boa visão da entrada do Alfred's Club. Reparou de imediato que o porteiro tinha estacionado o *Range Rover* um pouco mais acima na rua.



Exibindo um enorme sorriso de prazer, Mario, o gerente do restaurante, aguardava à entrada para os cumprimentar. — Sejam bem-vindos, senhor e senhora Cross. Há imenso tempo que já não vinham cá.

— Que disparate, Mario — contradisse-o Hector. — Estivemos aqui há dez dias com Lorde Renwick.

— Já foi há imenso tempo, senhor — protestou Mario, conduzindo-os para a sua mesa preferida.

A sala silenciou-se quando a atravessaram. Todos os olhos os seguiram. Toda a gente sabia quem eles eram. Mesmo no seu estado de gravidez avançada, Hazel parecia deslumbrante. A finíssima saia de gaze do vestido esvoaçava à volta dela como uma nuvem cor-de-rosa, e a mala de mão que segurava era uma daquelas criações de pele de crocodilo que fazia com que as demais mulheres na sala ponderassem o suicídio.

Mario ajudou-a a sentar-se e murmurou: — Presumo que a *madame* vai querer a salada de toranja e depois vieiras gratinadas, certo? E para si, senhor Cross, o bife tártaro, seguido de lagosta com molho *Chardonnay*?

— Como de costume, Mario — anuiu Hector com um ar sério. — Para beber, a senhora Cross vai querer uma pequena garrafa de água *Perrier* com um balde de gelo. Para mim, pode trazer, por favor, uma garrafa de *Vosne-Romanée Aux Malconsorts* de 1993 da minha garrafeira privada.

— Já tomei a liberdade de o fazer, senhor Cross. Há quinze minutos, pus a garrafa a uma temperatura de dezasseis graus centígrados. Quer que peça ao escanção que a abra?

— Obrigado, Mario. Sei que posso contar sempre consigo.

— Fazemos todos os possíveis para satisfazer os nossos clientes, senhor.

Quando o gerente os deixou, Hazel inclinou-se sobre a mesa e pousou a mão no antebraço de Hector. — Adoro os seus pequenos rituais, senhor Cross. São muito reconfortantes, por assim dizer. — Sorriu. — A Cayla também costumava achá-los divertidos. Lembras-te de como ríamos quando ela te imitava?

— Tal mãe, tal filha. — Hector sorriu-lhe.

Houvera um período em que Hazel não conseguia sequer pronunciar o nome «Cayla» em voz alta. Isso acontecera desde o seu brutal homicídio e posterior mutilação do cadáver pelos assassinos, até Hazel ter descoberto que estava grávida da criança de Hector. Tinha sido uma catarse e chorara nos braços dele, balbuciando o nome: «Cayla! Vai ser outra pequena Cayla», soluçara ela. Depois disso, as feridas sararam rapidamente, até ser capaz falar de Cayla com frequência e sem dificuldade.

Era sua intenção falar agora e, depois de o escanção lhe trazer a sua água *Perrier*, bebericou um pouco e perguntou: — Achas que a Catherine Cayla Cross vai ter cabelo loiro e olhos azuis como a irmã? — Já escolhera o nome da nova criança em homenagem à sua primeira filha falecida.

— Provavelmente vai nascer com um restolho de barba escura no queixo, como o pai — provocou-a Hector. Também ele adorava a rapariga assassinada. Cayla fora o íman que o juntara a Hazel, contra todas as probabilidades. Nessa altura, Hector era o chefe da equipa de segurança da petrolífera Bannock Oil após Hazel ter herdado a companhia do falecido marido.

Desde o primeiro momento que Hazel detestara Hector, apesar do facto de ele ter sido nomeado pelo próprio marido. Conhecia a fundo os antecedentes e a reputação de Hector e sentira-se repugnada pelas táticas duras e por vezes brutais a que ele recorria para defender o património e o pessoal da companhia de qualquer

ameaça. Ele era um soldado e lutava como tal. Não mostrava nenhuma misericórdia. Desafiava abertamente todos os mais delicados instintos femininos de Hazel. No primeiro encontro de ambos, ela advertira-o de que estava à procura da mais leve desculpa para o despedir.

Depois disso, a existência mimada e privilegiada de Hazel mergulhara no caos. A filha, que era o pilar da sua existência solitária, tinha sido raptada por piratas africanos. Hazel usara toda a sua fortuna e influência para persuadir os centros de poder a tentarem resgatá-la. Ninguém pudera ajudá-la, nem mesmo o presidente dos Estados Unidos da América, com todo o seu poder. Nem sequer conseguiram descobrir onde Cayla estava sequestrada. Já no limite do desespero, pusera de lado o orgulho e recorrera ao cruel, brutal e impiedoso soldado que ela tanto odiava e desprezava: Hector Cross.

Hector conseguira seguir o rasto dos raptadores até ao seu antro numa fortaleza nos desertos africanos onde Cayla era mantida em cativeiro. Estava a ser brutalmente torturada pelos seus captores. Hector infiltrara-se na fortaleza com os seus operacionais e trouxera Cayla de volta para um lugar seguro. Nesse processo, tinha demonstrado a Hazel que era um indivíduo muito decente e com elevados princípios morais, alguém em quem ela podia confiar sem reservas. Hazel cedera então à atração que suprimira com tanto cuidado durante o primeiro encontro com ele e, assim que começou a conhecê-lo mais intimamente, descobrira que por baixo daquele exterior blindado ele conseguia ser carinhoso, amável e afetuoso.

Olhou-o nesse momento e estendeu a mão sobre a mesa para lhe dar a mão. — Contigo ao meu lado e com a bebé Catherine dentro de mim, tudo voltou a ser perfeito.

— E será assim para sempre — tranquilizou-a ele, sentindo um leve frémito de temor percorrer-lhe a coluna vertebral ao aperceber-se de que estava a desafiar o destino. Embora estivesse a sorrir-lhe com ternura, continuava a matutar no facto de o resgate de Cayla não ter sido o fim daquele problema. Os fanáticos que a tinham raptado não desistiram, pois os assassinos que contrataram regressaram e mataram Cayla, enviando depois a sua cabeça decapitada a Hazel. Hector e Hazel tinham sido forçados a

voltar a envolver-se na refrega e finalmente conseguiram erradicar o monstro que lhes arruinara as vidas.

*Talvez desta feita já esteja tudo terminado*, pensou ele enquanto observava o rosto de Hazel, que continuava a falar de Cayla.

— Lembras-te de quando a ensinaste a pescar?

— Ela tinha um talento natural. Bastou-me dar-lhe umas dicas e conseguiu logo lançar uma mosca para apanhar salmões, pelo menos a quarenta e cinco metros de distância e em condições ventosas, e soube logo interpretar de forma instintiva os sinais na água.

— E lembras-te daquele enorme salmão que vocês os dois conseguiram tirar da água lá na Noruega?

— Era um verdadeiro monstro. Eu bem a segurava pelo cinto das botas de pescador, mas o bicho quase nos arrastava aos dois para dentro da água. — Riu-se.

— Nunca me esquecerei do dia em que ela anunciou que já não queria ser comerciante de arte, que era a carreira que eu tinha planeado para ela, mas a Cayla tinha metido na cabeça que queria ser cirurgiã veterinária. Quase tive um ataque de raiva!

— Foi uma grande malandrice da parte dela — proferiu Hector com uma expressão austera.

— Malandrice? O malandro eras tu. Apoiaste-a sempre nisso. Vocês os dois trataram logo de me convencer de que isso era o melhor para ela.

— Pronto. Pronto. Ela era uma má influência para mim — admitiu Hector.

— Ela adorava-te. Sabes bem que sim. Adorava-te tanto como ao próprio pai.

— Isso é uma das melhores coisas que alguma vez me disseram.

— És um bom homem, Hector Cross. — As lágrimas acumularam-se-lhe nos olhos. — A Catherine Cayla também te vai adorar. As tuas três raparigas adoram-te. — Arquejou de repente e agarrou a barriga. — Oh, meu Deus! Ela deu-me um pontapé bem forte. Decididamente, parece concordar com o que acabo de dizer.

Ambos desataram a rir alto, ao ponto de os comensais nas outras mesas olharem na direção deles com um sorriso de simpatia. Estavam totalmente absortos um no outro. Tinham tantas coisas para

recordar e conversar. Ambos tinham visto as suas vidas marcadas por obstáculos ultrapassados à custa de enormes esforços. Ambos haviam alcançado triunfos ambiciosos e vivido desastres dilacerantes, mas a carreira de Hazel tinha sido, de longe, a mais espetacular. Começara com pouco mais do que coragem e determinação. Aos 19 anos, tinha ganhado o seu primeiro torneio do Grand Slam<sup>1</sup> no circuito profissional do ténis. Aos 21, tinha casado com o magnata do petróleo Henry Bannock e dera-lhe uma filha. Henry falecera quando Hazel tinha quase 30 anos e legara-lhe o controlo do conglomerado da Bannock Oil.

Mas o mundo das grandes empresas é um domínio exclusivo e os intrusos e os arrivistas não são bem-vindos. Ninguém queria apostar numa ex-jogadora de ténis e glamorosa rapariga da alta sociedade transformada em baronesa do petróleo. No entanto, ninguém tivera em conta a sua perspicácia inata para os negócios, nem os anos de aprendizagem sob a tutela de Henry Bannock, que valiam mais do que cem mestrados em Gestão de Empresas. À semelhança das multidões no circo romano, os seus detratores e críticos aguardavam com macabra expectativa que ela fosse devorada pelos leões. E depois, para grande desgosto de todos, a viúva comprara o poço Zara Número Oito.

Hector recordava-se vividamente de como a revista *Forbes* divulgara com grande destaque na capa frontal a imagem de Hazel em equipamento branco de ténis, com uma raquete na mão direita. O cabeçalho por cima da fotografia dizia: «Hazel Bannock bate a oposição. A maior descoberta de petróleo dos últimos trinta anos.»

O artigo descrevia como no inóspito interior de um pequeno emirado desolado e empobrecido, chamado Abu Zara, existia uma concessão de exploração petrolífera que outrora era detida pela Shell Oil Company. O campo de petróleo tinha sido explorado até secar e fora abandonado no período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Desde então, tinha permanecido esquecido.

---

<sup>1</sup> Grand Slam: os quatro torneios anuais de ténis mais importantes: Open da Austrália, em Melbourne; Roland-Garros, em Paris; Wimbledon, em Londres; e US Open, em Nova Iorque. (NT)

Até que Hazel conseguira adquirir a concessão por uns míseros milhões de dólares e os peritos acotovelaram-se com sorrisos pretensivos. Ignorando os protestos dos seus assessores, Hazel investiu muitos mais milhões para inserir uma broca de perfuração rotativa numa minúscula anomalia subterrânea na extremidade norte do campo de petróleo; uma anomalia que, com as técnicas de exploração primitivas de trinta anos antes, tinha sido considerada uma subsidiária do reservatório principal. Os geólogos dessa época eram unânimes na opinião de que qualquer petróleo contido nessa área há muito se tinha escoado para o reservatório principal e fora bombeado para a superfície, deixando o campo completamente seco e sem valor.

No entanto, quando a equipa de perfuração de Hazel alcançou a impenetrável cúpula de sal do diápiro — uma vasta câmara subterrânea onde as jazidas de petróleo tinham ficado encurraladas —, a pressão excessiva do gás ascendeu de forma estrondosa ao longo do buraco da perfuração, com tal força que ejetou do tubo quase oito quilómetros da coluna de perfuração em aço como se fosse pasta dentífrica, e o buraco explodiu. Petróleo bruto de alta qualidade jorrou a centenas de metros de altura. Tornou-se então evidente que os velhos campos petrolíferos Zara números um a sete que tinham sido abandonados pela Shell eram apenas uma fração da totalidade das reservas.

Recordar todas estas coisas pareceu atraí-los ainda mais para junto um do outro à mesa do almoço, fascinados pelas memórias que tinham recontado muitas vezes antes mas nas quais ainda descobriam coisas completamente novas e intrigantes. A certa altura, Hector abanou a cabeça com admiração. — Meu Deus, mulher! Nunca te sentiste intimidada por nada ou ninguém na tua vida? Fizeste tudo sozinha, e fizeste-o da maneira mais difícil.

Hazel lançou-lhe um olhar de soslaio com aqueles olhos deslumbrantes e sorriu. — Não percebes que a vida não foi feita para ser fácil? Se fosse fácil, nunca lhe daríamos o verdadeiro valor. E agora, já chega de falar de mim. Falemos antes de ti.

— Já sabes tudo o que há para saber sobre mim. Já to contei umas cinquenta vezes.

— Pronto, que seja então a quinquagésima primeira vez. Conta-me acerca daquele dia em que caçaste o teu primeiro leão. Quero que contes todos os pormenores outra vez. E presta atenção ao que te digo: se deixares alguma coisa de fora, vou-me aperceber de imediato.

— Muito bem, aqui vai. Nasci no Quénia, mas o meu pai e a minha mãe eram ambos britânicos, portanto sou um genuíno cidadão britânico. — Calou-se.

— Chamavam-se Bob e Sheila... — instigou-o ela.

— Chamavam-se Bob e Sheila Cross. O meu pai tinha quase vinte e cinco mil hectares de terras de pasto de primeira qualidade, que confinavam com a reserva tribal dos massais. Aí pastavam mais de duas mil cabeças de gado bovino premiado, da raça Brahman. Portanto, os meus companheiros de infância foram sobretudo rapazes massais da minha idade.

— E o teu irmão mais novo, claro — disse Hazel.

— Sim, também o meu irmão mais novo, o Teddy. Ele queria ser rancheiro, como o meu pai. Fazia tudo e mais alguma coisa para tentar agradar ao velhote. Quanto a mim, queria ser um guerreiro, como o meu tio que tinha morrido na guerra a combater o Rommel em El Alamein, no deserto do Norte de África. O dia em que o meu pai me enviou para a Escola do Duque de York para rapazes, em Nairobi, foi a experiência mais devastadora da minha vida até esse momento.

— Detestavas a escola, não era?

— Odiava aquelas regras e as restrições. Estava habituado a correr livremente e à vontade — disse ele.

— Eras um rebelde.

— O meu pai dizia que eu era um rebelde e um maldito selvagem. Mas dizia-o com um sorriso. Ainda assim, fui o terceiro melhor aluno da minha turma e capitão da primeira equipa de quinze jogadores de rãguebi no meu último ano de escola. Isso bastava-me. Tinha dezasseis anos nessa altura.

— O ano do teu leão! — Hazel inclinou-se sobre a mesa e agarrou-lhe na mão, com os olhos reluzindo de expectativa. — Adoro esta parte. A primeira parte é pouco empolgante. Falta-lhe sangue e coragem, sabes.

— Os meus amigos massais estavam a chegar à maioria. De modo que fui à aldeia falar com o chefe. Disse-lhe que queria tornar-me um *moran*, um guerreiro, como eles.

Hazel anuiu com a cabeça.

— O chefe ouviu tudo o que lhe pedi. Depois disse que eu não era um verdadeiro massai porque não tinha sido circuncidado. Perguntou-me se queria ser circundado pelo curandeiro da aldeia. Pensei nisso mas recusei a proposta.

— E ainda bem que o fizeste — disse Hazel. — Prefiro a tua gaita como Deus a concebeu de origem.

— Que simpático da tua parte dizeres isso. Mas voltemos à história da minha vida. Falei desta rejeição aos meus companheiros e ficaram quase tão consternados como eu. Discutimos o assunto durante dias e no final concordaram que, se eu não pudesse tornar-me um verdadeiro *moran*, pelo menos podia caçar o meu leão, e assim já estaria a mais de meio caminho de me tornar um guerreiro massai.

— Só que havia um pequeno problema, não era? — lembrou-o ela.

— O problema era que o governo queniano, no qual a tribo dos massais estava mal representada, tinha interditado a cerimónia de caça ao leão do ritual de passagem à maioria. Os leões estavam estritamente protegidos em todo o território.

— Mas depois houve uma espécie de intervenção divina — disse ela.

Hector sorriu-lhe. — Diretamente do céu! No Parque Nacional de Massai Mara, que confinava com as terras tribais, um velho leão tinha sido escoraçado do grupo por um rival mais jovem e mais forte. Sem as suas leas para liderar a caçada, viu-se obrigado a abandonar a proteção do parque e procurar presas mais fáceis do que as zebras e os gnus. Começou por atacar as manadas de gado dos massais, que eram a reserva de riqueza tribal. Foi bastante mau, mas depois a fera matou uma rapariga que tinha ido buscar água ao poço para a sua família.

»Para grande alegria e entusiasmo febril dos meus amigos massais, o Departamento de Caça do governo viu-se obrigado a emitir



uma licença para matar o velho leão solitário. Graças aos laços que eu tinha criado com a tribo ao longo dos anos, e como eu era corpulento e forte para a minha idade, e também porque os anciãos sabiam como eu tinha treinado arduamente com os paus de luta e com as lanças de combate, convidaram-me a juntar-me à caçada com os outros jovens candidatos *morani*.

Hector calou-se quando o escanção lhe serviu um pouco mais de vinho tinto, enchendo depois o copo de Hazel com mais água *Perrier*. Hector agradeceu-lhe num murmúrio e bebeu um pouco de borgonha antes de prosseguir.

— Há quase uma semana que o leão não matava nem se alimentava e todos nós aguardávamos, agoniados pela ansiedade, que a fome o obrigasse a matar outra vez. Até que ao sexto anoitecer, quando a luz começava a desvanecer-se, dois rapazinhos pastores nus regressaram a correr à aldeia com a boa notícia: o leão tinha-os atacado de surpresa quando levavam o gado para beber no olho d'água. A fera tinha-se mantido deitada em emboscada no meio das ervas densas, no lado do caminho de onde soprava o vento, e, a escassos dez passos da manada, atacou o gado. Antes que o gado tivesse sequer tempo para se dispersar, o leão saltou sobre a garupa de uma vaca de cinco anos que estava prenhe. Enterrou-lhe os colmilhos na base do pescoço enquanto desferia uma das poderosas patas dianteiras e lhe cravava as compridas garras amarelas no focinho. Depois usou toda a força maciça da outra pata dianteira para aumentar a pressão que estava a exercer sobre o pescoço da vaca. As vértebras cervicais quebraram-se com um estalido, matando-a instantaneamente. Tombou de focinho no solo quando as patas lhe cederam e deu uma cambalhota no meio de uma nuvem de poeira. O leão afastou-se de um salto para não ser esmagado pelos mais de seiscentos quilos de peso morto.

— Ainda não consigo acreditar que ele fosse suficientemente forte para matar um animal daquele tamanho com tanta facilidade — disse Hazel, admirada.

— Não foi só isso, pois conseguiu erguê-la com as mandíbulas e levá-la para o meio das ervas, levantando-a tão alto que só se lhe viam os cascos a arrastar no solo poeirento.

— Continua! — instigou-o. — Não liguês às minhas perguntas tolas. Continua com a história!

— Bem, já estava escuro e portanto tivemos de esperar pela madrugada. Nenhum de nós dormiu grande coisa nessa noite. Sentámo-nos à volta das fogueiras e os anciãos disseram-nos, muito animados, o que poderíamos esperar quando fôssemos ao encontro do leão com a sua presa morta. Não houve grandes risos de nenhum de nós e a nossa conversa foi curta. Ainda estava escuro quando pusemos as nossas capas de pele de cabra negra para nos protegermos da friagem do amanhecer. Estávamos nus por baixo das capas. Armámo-nos com os escudos de couro cru e as lanças curtas que tínhamos afiado ao ponto de podermos rapar os pelos dos antebraços com o gume cortante. Éramos trinta e dois ao todo, um bando de irmãos. Partimos a cantar ao amanhecer para enfrenarmos o nosso leão.

— Quer-me parecer que esse ruído todo teria alertado o leão, levando-o a fugir para longe — disse Hazel.

— Seria necessário muito mais que isso para afastar um leão da sua presa — disse-lhe Hector. — Estávamos a cantar para o desafiar. Estávamos a chamá-lo para a batalha. E, claro, também o fazíamos para reforçar a nossa própria coragem. Cantámos e dançámos para aquecer o sangue. Desferíamos as lanças no ar para relaxar os músculos dos braços. As jovens solteiras seguiam-nos à distância para ver quem teria coragem para enfrentar o leão e quem desataria a fugir assim que a fera acorresse em todo o seu nobre poderio em resposta ao nosso desafio.

Hazel já tinha ouvido aquela história uma dezena de vezes, mas observava o rosto dele tão arrebatada como se fosse a primeira vez que ele a contava.

— O Sol surgiu e mostrou a sua borda superior por cima do horizonte diretamente à nossa frente, brilhante como metal derretido a sair de uma fornalha. Incidiu-nos nos rostos e ficámos encandeados. Mas sabíamos onde iríamos encontrar o nosso leão. Vimos as pontas das ervas moverem-se onde não soprava nenhum vento e depois ouvimo-lo rugir. Foi um som terrível que nos estremeceu os corações e as entranhas. As pernas

cederam-nos e cada passo de dança era um esforço consciente enquanto avançávamos para o enfrentar.

»Depois o leão levantou-se do lugar onde tinha estado deitado atrás da carcaça da vaca. A juba estava toda eriçada, formando-lhe uma coroa majestosa à volta da cabeça, que reluzia com uma luz dourada, pois ele estava iluminado pelo sol. A juba parecia duplicar-lhe a corpulência. Rugiu. Uma rajada de som que nos varreu, ao ponto de as nossas próprias vozes nos falharem por momentos. Recompusemos-nos e respondemos-lhe com gritos, desafiando-o a escolher um de nós para o atacar. Os flancos da nossa linha começaram a cerrar-se à volta dele, rodeando-o de forma a não lhe deixar nenhuma via de fuga. O animal moveu lentamente a cabeça de um lado para o outro, observando-nos muito atento enquanto nos aproximávamos.

— Oh, meu Deus! — exclamou Hazel. — Já sei o que vai acontecer a seguir, mas quase nem consigo suportar a tensão.

— Depois parou de mover a cabeça e começou a agitar a cauda de um lado para o outro, com o tufo negro da ponta a fustigar-lhe os próprios flancos. Eu estava no meio da linha de guerreiros, no lugar de honra, e suficientemente perto para lhe ver os olhos com nitidez. Eram amarelos, de um amarelo brilhante e flamejante, e estavam cravados nos meus.

— Porquê em ti, Hector? Porquê em ti, meu amor? — Hazel agarrou-lhe a mão com força e com uma expressão de absoluto temor, como se aquilo estivesse a acontecer à frente dos seus olhos.

— Só Deus sabe porquê — disse ele, encolhendo os ombros. — Talvez por eu estar no meio da linha, mas mais provavelmente pelo facto de o meu corpo pálido se destacar no meio dos outros corpos mais escuros que me flanqueavam.

— Continua! — implorou ela. — Conta-me outra vez como tudo terminou.

— O leão agachou-se enquanto se preparava para atacar. Parou de agitar a cauda de um lado para o outro e manteve-a estendida atrás dele, rígida e um tudo-nada curvada para cima. Depois abanou-a duas vezes e lançou-se diretamente a mim. Aproximou-se serpenteando rente ao solo, tão rápido que ficou reduzido a uma mera estria de luz amarelo-acastanhada, etérea mas mortífera.

»E foi nesses microssegundos que aprendi o verdadeiro significado do terror. Tudo pareceu abrandar. O ar à minha volta pareceu ficar mais denso e pesado, dificultando-me a respiração. Era como se estivesse a atolar-me num pântano de lama espessa. Cada movimento exigia-me um esforço deliberado. Sabia que estava a gritar, mas o som parecia chegar-me debilmente, de muito longe. Alcei o escudo de couro cru à minha frente para me proteger e ergui a ponta da lança. A luz do sol incidiu no metal polido e uma brilhante estilha de luz encandeou-me os olhos. O vulto do leão avolumou-se à minha frente até preencher todo o meu campo de visão. Fiz pontaria com a ponta da lança ao centro do peito dele, que batia violentamente enquanto me ensurdecia com a sua fúria assassina, em poderosas rajadas de som como as de uma locomotiva a vapor a acelerar à velocidade máxima.

»Preparei-me para a acometida. Depois, no momento exato em que ele ia lançar todo o seu peso contra o meu escudo, inclinei-me para ele e consegui espetar-lhe a ponta da lança. Deixei que o seu próprio peso e velocidade fizessem penetrar a lança no peito dele, tão profundamente que a ponta se enterrou até metade da haste. Já estava moribundo quando me empurrou para trás contra o solo e se lançou sobre mim, rasgando-me o escudo com as garras e rugindo de raiva e dor contra o meu rosto virado para cima.

Hazel estremeceu perante aquela imagem que ele tinha criado para ela. — Que coisa mais horrível! Fiquei com a pele dos braços toda arrepiada. Mas não pares. Continua, Hector. Conta-me o fim da história.

— Depois, de repente, o leão retesou todo o corpo e arqueou o dorso. De mandíbulas bem abertas, vomitou um forte jorro de sangue em cima de mim, encharcando-me a cabeça e toda a parte superior do corpo antes que os meus companheiros pudessem tirá-lo de cima de mim e o trespassassem uma centena de vezes com as suas lanças.

— Fico apavorada só de pensar em como tudo isso poderia ter tido um desfecho bem diferente — disse ela. — Como poderíamos nunca nos ter conhecido sequer, nem partilhado tudo aquilo que temos agora. Mas pronto, conta-me agora o que o teu pai disse quando voltaste para o rancho nesse dia — pediu.

— Regressei a cavalo à velha e enorme casa de telhado de colmo lá no rancho, mas já passava do meio-dia quando lá cheguei. A minha família estava sentada à mesa do almoço no terraço à frente da casa. Amarrei a montada ao poste e subi os degraus sem pressa. A minha euforia dissipou-se assim que vi os rostos da minha família. Só nesse momento é que me dei conta de que não me tinha dado ao trabalho de me lavar. O sangue do leão tinha secado numa camada espessa que me cobria o cabelo e a pele. A minha cara era uma máscara de sangue seco. Tinha a roupa manchada e as mãos tingidas de negro, até por baixo das unhas.

»Foi o meu irmãozinho Teddy quem quebrou aquele silêncio horrorizado. Desatou às risadinhas como uma colegial. O Teddy era assim, ria sempre dessa maneira. Foi então que a minha mãe irrompeu em lágrimas e enterrou o rosto nas mãos, pois já sabia o que o meu pai iria dizer.

»O meu pai levantou-se em toda a sua corpulência de quase um metro e noventa, de rosto sombrio e contorcido de raiva. Balbuciu algumas palavras incoerentes, mas depois a sua expressão desanuviou-se gradualmente e, num tom sinistro, disse: «Estiveste com aqueles selvagens negros, os teus amigalhaços do peito, não foi, rapaz?» A minha resposta foi admitir sem rodeios: «Sim, senhor.» Tratávamos sempre o meu pai por «senhor»; nunca «pai», e sobretudo nunca «papá». «Sim, senhor», repeti, e de repente a sua expressão mudou. «Andaste a caçar o teu leão, como um desses malditos *morani* massais. Foi isso, não foi?» Voltei a admitir: «Sim, senhor», e a minha mãe desatou num novo pranto. O meu pai continuou fixado em mim com aquela estranha expressão durante um bom bocado, e permaneci ali em sentido à frente dele. Depois perguntou: «Fizeste-lhe frente ou desataste a fugir?» Respondi-lhe: «Fiz-lhe frente, senhor.» Voltou a guardar um silêncio demorado antes de falar outra vez: «Vai lá à tua cabana e lava-te. Depois quero falar contigo no meu estúdio.» Esta convocatória era geralmente o equivalente a uma sentença de morte, ou pelo menos a umas cem vergastadas.

— Que aconteceu depois? — perguntou Hazel, embora já soubesse perfeitamente o desfecho.

— Quando bati à porta do estúdio um pouco depois, ia vestido com o meu uniforme escolar: *blazer*, gravata e uma camisa limpa. Tinha engraxado os sapatos e o cabelo liso ainda estava molhado. «Entra!», bradou ele. Entrei e postei-me à frente da escrivaninha dele. «És um maldito selvagem», disse numa voz firme. «Um selvagem completamente incivilizado. Só vejo uma esperança para ti.» Respondi-lhe «Sim, senhor», mas por dentro sentia-me medroso. Achava que já sabia o que me esperava. «Senta-te, Hector», disse ele, indicando-me o cadeirão virado para a escrivaninha. Aquelas palavras deixaram-me agitado por dentro. Nunca me tinha sentado naquele cadeirão e já nem me lembrava da última vez que ele me chamara «Hector» em vez de «rapaz». Quando me sentei muito direito à frente dele, continuou: «Nunca serás um rancheiro, pois não, Hector?».

»Respondi-lhe «Duvido muito, senhor» e ele disse: «O rancho deveria ter sido teu, sendo tu o primogénito. Mas agora vou deixá-lo ao Teddy.» Disse-lhe: «Desejo as maiores felicidades ao Teddy, senhor», e ele chegou mesmo a sorrir, embora de modo fugaz. O meu velho continuou, mas já sem o sorriso: «Claro que ele não vai mantê-lo por muito tempo. Dentro de poucos anos, todos nós teremos sido escorraçados daqui a pontapés pelos antigos proprietários a quem roubámos o rancho. No final, é sempre a África que ganha.» Mantive-me em silêncio, pois não me ocorria nenhuma resposta. «Mas tu, jovem Hector, que vamos nós fazer contigo?» Dei por mim novamente sem nada para responder e mantive-me de boca fechada. Há muito que tinha aprendido que essa era a opção mais segura. Ele continuou a falar: «Serás sempre um selvagem no mais fundo de ti, Hector. Mas isso não é uma desvantagem grave. Quase todos os heróis britânicos que nós admiramos, desde Clive a Kitchener, passando por Wellington e Churchill, eram uns selvagens. Nunca teria chegado a haver um Império Britânico sem eles. Mas quero que sejas um selvagem inglês culto e instruído, e é por essa razão que vou enviar-te para a Real Academia Militar em Sandhurst, para aprenderes a subjugar à lei do soco todos esses povos menores que habitam na Terra.»

Hazel desatou a rir às gargalhadas e bateu palmas. — Que homem mais notável. Deve ter sido uma pessoa absolutamente revoltante.

— Ele era cheio de bazófia, mas não passava de fingimento. Queria que todos o encarassem como um homem duro que nunca recuava nem cedia e que chamava sempre as coisas pelos nomes sem se pôr com rodeios. Mas por baixo daquela fachada era um homem bondoso e decente. Acho que ele me amava, e eu sem dúvida que o idolatrava.

— Quem me dera tê-lo conhecido — disse Hazel num tom melancólico.

— Provavelmente foi muito melhor não o teres conhecido — assegurou-lhe Hector. Depois virou-se quando Mario tossicou de forma educada a seu lado.

— Vai desejar mais alguma coisa, senhor Cross?

Hector olhou para o gerente do restaurante como se nunca o tivesse visto antes. Depois pestanejou e olhou em redor da sala, que agora estava vazia, à exceção de um par de empregados entediados, especados junto às portas de acesso à cozinha.

— Céus, que horas são?

— Passam alguns minutos das quatro, senhor.

— Por que diabos não nos avisou?

— O senhor e a senhora Cross estavam a desfrutar tanto da companhia um do outro que não me atrevi a interrompê-los, senhor.

Hector deixou-lhe uma nota de cinquenta libras em cima da mesa e avançou de braço dado a Hazel para a entrada do clube, onde o porteiro lhes deixara o *Rover* com o motor ligado. Quando chegaram a Harley Street, Hector desceu pela rampa de acesso à garagem subterrânea do edifício do consultório de Alan e depois ajudou Hazel a instalar-se no *Ferrari*.

— E agora, minha doce rainha das abelhas, lembra-te de que estarei atrás de ti e que isto não é nenhuma corrida. Espreita-me de vez em quando pelo espelho retrovisor.

— Para de te preocupares, querido.

— Só paro quando me deres um beijo.

— Vem cá recebê-lo, meu rapazola interesseiro.

Enquanto aguardava que ela saísse à sua frente da garagem, Hector calçou um par de luvas de pelica macia e depois arrancou atrás do *Ferrari* pela rampa acima. O motociclista que os seguia

manteve-se a uma distância considerável, usando outros veículos para se dissimular enquanto avançavam através das ruas de Londres, até desembocarem na autoestrada M3. Não tinha necessidade de os seguir de demasiado perto e correr o risco de alertar a presa. Sabia para onde eles se dirigiam. Além disso, tinham-no advertido de que o homem era um tipo imprevisível; não era, decididamente, alguém que lhe ocorreria enfrentar de ânimo leve. Só iria agir muito mais tarde, depois de terem passado por Winchester. Falava de vez em quando para o microfone do telemóvel mãos-livres incorporado no capacete de proteção, relatando o progresso dos dois veículos à sua frente. A cada contacto, o posto de receção emitia um clique a acusar a transmissão.

Hector conduzia duzentos metros à frente do motociclista, tamborilando com um dedo no volante ao ritmo da música. Tinha sintonizado a rádio Magic, a sua estação preferida. Don McLean estava a cantar *American Pie* e Hector cantava em coro. Sabia de cor todas aquelas letras intrincadas. No entanto, nunca relaxava a sua vigilância. De tantos em tantos segundos, relanceava os olhos pelo espelho retrovisor, perscrutando o trânsito atrás de si. Os veículos no seu campo de visão estavam constantemente a mudar, mas retinha cada um na memória. «Protege sempre as costas» era um dos seus aforismos. Quando estavam prestes a chegar a Basingstoke, o fluxo do trânsito diminuiu e Hazel acelerou o *Ferrari*. Hector viu-se obrigado a puxar pelo *Rover* até quase aos 120 quilómetros por hora para não a perder de vista.

Ligou-lhe através do telemóvel mãos-livres: — Vai mais devagar, meu amor. Lembra-te de que levas aí contigo um passageiro muito importante. — Hazel respondeu-lhe com um sonoro «Pff!», mas reduziu a velocidade do *Ferrari* para um pouco acima do limite legal.

— Quando queres mesmo, consegues ser uma rapariga bem-comportada — disse ele, desacelerando para igualar a velocidade dela.